



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO – UFRPE
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA – UAST
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

LARYSSA VIEIRA LEITE

**O TRATAMENTO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO ENSINO DA LÍNGUA
PORTUGUESA EM ESCOLAS PÚBLICAS DA ZONA RURAL DA CIDADE DE
FLORES - PE**

SERRA TALHADA – PE
2020



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO – UFRPE
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA – UAST
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

LARYSSA VIEIRA LEITE

**O TRATAMENTO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO ENSINO DA LÍNGUA
PORTUGUESA EM ESCOLAS PÚBLICAS DA ZONA RURAL DA CIDADE DE
FLORES - PE**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco/ Unidade Acadêmica de Serra Talhada, como requisito obrigatório para conclusão do curso e obtenção do grau de Licenciada em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Dorothy Bezerra Silva de Brito.

SERRA TALHADA – PE
2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

L533t LEITE, LARYSSA VIEIRA
O TRATAMENTO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA EM
ESCOLAS PÚBLICAS DA ZONA RURAL DA CIDADE DE FLORES - PE
/ LARYSSA VIEIRA LEITE. - 2020. 40 f.

Orientadora: Dorothy Bezerra Silva de Brito.
Inclui referências e anexo(s).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Licenciatura
em Letras,
Serra Talhada, 2020.

1. Variação linguística. 2. reeducação sociolinguística. 3. ensino. I. Brito, Dorothy Bezerra Silva de,
orient. II. Título

CDD 410

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO – UFRPE
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA – UAST
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

LARYSSA VIEIRA LEITE

**O TRATAMENTO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO ENSINO DA LÍNGUA
PORTUGUESA EM ESCOLAS PÚBLICAS DA ZONA RURAL DA CIDADE DE
FLORES - PE**

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Dorothy Bezerra Silva de Brito
1^ª Examinadora/Orientadora

Prof^ª. Dr^ª. Renata Lívia de Araújo Santos
2^ª Examinadora

Prof^ª. Dr^ª. Maria de Fátima Silva dos Santos
3^ª Examinadora

Serra Talhada – PE, outubro de 2020

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, por me proteger em toda essa jornada.

Ao meu pai que todas as noites me buscava no ponto do ônibus, lugar extremamente escuro e deserto e por sempre ter me apoiado, estimulado, buscado o melhor de mim.

A minha mãe (também professora) que foi o motivo de eu ter escolhido Letras, por todas as noites permanecer acordada, aguardando a minha chegada, pela confiança de que eu me tornaria uma ótima profissional e por todas as dicas que me deu quando comecei a lecionar.

Ao meu marido, que me apoiou mesmo cansado, e que depois de trabalhar o dia inteiro sob o sol lutava contra o sono para ir me buscar quando meu pai já não aguentava mais, que me levou na faculdade quando perdia o ônibus em dias que não podia faltar.

A minhas irmãs que sempre me ajudaram na medida do possível.

A todos meus professores da UAST/UFRPE, que proporcionaram conhecimentos e momentos únicos, que abriram meus olhos para o verdadeiro papel do professor e para questões sociais que eu nunca havia percebido. Obrigada por me tornarem uma mulher crítica e ciente do seu papel social.

A minha orientadora Dorothy Brito, por ter acolhido minha pesquisa e me ajudado em todas as etapas desse trabalho com tanta paciência e serenidade.

À banca avaliadora formada por Renata Livia e Maria de Fátima, que aceitaram fazer parte da concretização desse sonho.

Aos meus colegas de turma, por todas as conversas, conselhos, risadas, e lágrimas, momentos memoráveis que nunca esquecerei.

A Jaiane Fontes que é a amizade que levarei para toda a vida: ela que sempre me apoiou e ajudou em tudo que era possível, tornou-se minha amiga e madrinha de casamento.

Ao GEPLÉ, por proporcionar momentos maravilhosos de partilha e conhecimento.

A todos que contribuíram de alguma forma para minha formação e realização deste trabalho.

A todos, obrigada!

“Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse amor, seria como o metal que soa ou como o sino que tine. E ainda que tivesse o dom da profecia e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse amor, nada seria.”
(1 Coríntios 13:1-2)

RESUMO

O presente estudo tem como objetivos compreender como questões de variação linguística são abordadas no ensino fundamental em escolas públicas da cidade de Flores - PE, discutir como é o tratamento da variação linguística na sala de aula e obter, através de dados das entrevistas, informações sobre o trabalho do professor com a variação linguística. Com esse ensejo, utilizamos como base teórica Bagno (2007), Sgarbi e Roncália (2009), Zilles e Faraco (2015) e Faraco (2020), os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997; 1998; 2000) e a Base Nacional Comum Curricular (2018). Realizamos como procedimento metodológico um levantamento bibliográfico, uma coleta de informações realizadas por entrevistas contidas em questionários via *WhatsApp* com três professoras de três escolas do Ensino Fundamental, e, por fim, realizamos análises e discussões das respostas obtidas na entrevista. Como resultado, tivemos nossa hipótese parcialmente corroborada, uma vez que os documentos oficiais da educação dão orientações, mas não auxiliam o docente com sugestões de práticas para abordar na sala de aula, de forma consistente, o tema variação linguística. Compreendemos ainda que os sujeitos da pesquisa, por terem uma abordagem que considera a variação linguística como inerente ao social, contemplam o primeiro passo para a implementação de uma pedagogia da variação linguística.

Palavras-chave: Ensino; reeducação sociolinguística; variação linguística.

ABSTRACT

The present study aims to understand the issues of linguistic variation that are addressed in elementary education in public schools in the city of Flores - PE, to discuss the treatment of linguistic variation in the classroom and to obtain information about how teachers approach the subject linguistic variation. To achieve these goals, the following theoretical basis was assumed: Bagno (2007), Sgarbi and Roncália (2009), Zilles and Faraco (2015) and Faraco (2020), the National Curriculum Parameters (1997; 1998; 2000) and the Common National Curriculum Base (2018). We carried out a bibliographic survey, a collection of information throughout questionnaires via WhatsApp with three teachers from three elementary schools as methodological procedures, and, finally, we analyzed the interviews' responses. As a result, our hypothesis was partially corroborated, since the official documents for Brazilian education provide guidance, but do not assist the teacher with suggestions of practices to consistently approach the subject of linguistic variation in the classroom. Moreover, we understand that, by having an approach that considers linguistic variation as socially inherent, the teachers had taken the first step towards the implementation of a pedagogy of linguistic variation.

Keywords: Teaching; sociolinguistic re-education; linguistic variation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I	11
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
1.1. A SOCIOLINGÜÍSTICA EDUCACIONAL	11
1.1.2. A VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA E ENSINO DE LÍNGUA MATERNA	14
1.1.3. COMO OS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS ABORDAM A VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA	17
1.1.4. COMO A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR ABORDA A VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA	20
CAPÍTULO II.....	23
2. METODOLOGIA	23
2.1. COLETA DE DADOS	24
2.1.2. O QUESTIONÁRIO	25
2.1.3. ESCOLAS PESQUISADAS E SUJEITOS DA PESQUISA	25
CAPÍTULO III	28
3. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	28
3.1. DISCUSSÕES E RESULTADOS DA ENTREVISTA	28
3.1.2. SÍNTESE DO ESTUDO COM BASE NOS DADOS	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
ANEXOS	39

INTRODUÇÃO

Assim como afirma Faraco (2020), a consciência sobre a variação linguística é um saber que reconhece que a nossa língua possui uma relação intrínseca com a realidade social, um conhecimento que reconhece a heterogeneidade da língua nas suas múltiplas dimensões. O imaginário social de que existe uma língua una, ou melhor, homogênea, é um equívoco. Dessa maneira, existe a necessidade de mudar a visão amplamente disseminada da cultura do certo ou do errado, do feio ou do belo, no que concerne à variação linguística.

Estas considerações nos levam, como futuros profissionais das Letras, a refletir como o professor deve atuar na sala de aula, como ele deve abordar as questões da variação linguística de forma a dirimir a visão preconceituosa sobre fenômenos linguísticos que se manifestam nas variedades menos prestigiosas da língua. Bagno (2007) afirma que o trabalho com a variação linguística deve começar com a atitude do professor em relação à temática: primeiramente, ele deve reconhecer que a ocorrência desses fenômenos linguísticos não se trata de erro, partindo da ideia de que existe uma língua perfeita e de que a variação é um problema. Segundo, ele deve considerar que a variação linguística é um dos processos inerentes a qualquer língua usada por uma sociedade.

Levando em consideração as afirmações de Bagno (2007), esse trabalho tem como objetivo geral compreender como questões de variação linguística são abordadas no ensino fundamental em escolas públicas da cidade de Flores. Como objetivos específicos, temos o intuito de discutir como é o tratamento da variação linguística na sala de aula, no tocante à atitude dos professores sujeitos da pesquisa e dos materiais didáticos por eles utilizados, e obter, através de dados das entrevistas, informações sobre o trabalho do professor com a variação linguística na sala de aula do ensino fundamental, no município pesquisado.

Como hipótese do nosso trabalho, acreditamos que, assim como os materiais didáticos e documentos que abordam os conteúdos na sala de aula apresentam a temática da variação linguística de forma breve e superficial, o trabalho na sala de aula com esse tema é passível dessa mesma abordagem, uma vez que os professores, muitas vezes, utilizam esses documentos como um norte para a sua abordagem pedagógica e didática.

Assim, com o ensejo de proporcionar maior clareza na leitura desse trabalho, ele foi dividido da seguinte forma: **Introdução**, na qual apresentamos o tema estudado, nossos objetivos, hipótese e a organização da estrutura do nosso trabalho.

Em seguida temos o **Capítulo I**, que apresenta a fundamentação teórica da nossa pesquisa: Bagno (2007), Sgarbi e Roncália (2009), Zilles e Faraco (2015) e Faraco (2020), que norteiam as nossas reflexões e análise; os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997; 1998; 2000), de agora em diante PCN, e a Base Nacional Comum Curricular (2018), doravante BNCC, que serão discutidos para explicitar quais são as orientações dadas para a abordagem da variação linguística na sala de aula.

No **Capítulo II**, temos a apresentação da metodologia da nossa pesquisa, os passos metodológicos que consistem na descrição das escolas pesquisadas e dos sujeitos entrevistados no nosso trabalho, e da realização da coleta de dados através da aplicação de um questionário.

No **Capítulo III**, apresentamos a descrição e a análise dos dados coletados na pesquisa, com o intuito de investigar como a variação linguística é trabalhada na sala de aula, e propomos um diálogo entre a fundamentação teórica e os resultados obtidos, para obter uma conclusão do estudo com base nos dados.

Enfim, tecemos as **Considerações Finais**, na quais apresentamos um compilado das experiências vivenciadas durante a pesquisa, possíveis propostas para o enfrentamento da problemática estudada e considerações acerca dos resultados obtidos por meio das entrevistas com as professoras.

CAPÍTULO I

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, trataremos do quadro teórico que serviu como base para a nossa reflexão sobre o tema e para a análise dos dados. Utilizamos como aporte teórico Bagno (2007), Sgarbi e Roncália (2009), Zilles e Faraco (2015) e Faraco (2020). Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997; 1998; 2000) - PCN e a Base Nacional Comum Curricular (2018) - BNCC também serão discutidos, para explicitar quais são as orientações oficiais para a abordagem da variação linguística na sala de aula.

1.1. A SOCIOLINGUÍSTICA EDUCACIONAL

A sociolinguística tem como objeto de investigação a língua em uso, em um determinado contexto social, em uma situação de uso específica. Partindo dessa delimitação, adentramos em um de seus campos, a sociolinguística educacional. Em conformidade com Sgarbi e Roncália (2009), essa área de estudos com objetivos didáticos é uma parte da linguística que investiga a correlação entre os fenômenos linguísticos e sociais que colaboram com o ensino da língua, analisando e descrevendo diversas variantes que podem ocorrer em uma determinada comunidade, sem partir de preceitos binários de certo e errado ou melhor e pior, reconhecendo e respeitando os diferentes usos linguísticos.

Observamos que esse campo de estudo da sociolinguística está voltado para o funcionamento da língua, sendo compreendida a partir dos seus usos, algo que oportuniza ao professor e aos alunos, em seu processo de ensino/aprendizagem, pensar a língua por um viés pragmático, ou seja, a língua mediante estruturas condicionadas pelo social, em camadas sócio-culturais que vão do nível culto ao popular, propiciando a ocorrência da variação linguística.

Bagno (2007) afirma que a sociolinguística nos traz o ensinamento de que onde existe variação linguística sempre tem avaliação social, posto que nossa sociedade é profundamente hierarquizada, e uma das consequências disso é que todos os valores sociais e culturais também são hierarquizados em uma espécie de sistema binário que define do bom ao ruim, do certo ao errado e do bonito ao feio. Em meio a isso, temos a língua como carregada de valores e como um dos mais importantes bens da humanidade.

Dessa maneira, como um bem simbólico, de acordo com o que descreve Bagno (2007), acarreta uma demanda social que está sinalizada no conflito entre norma-padrão tradicional e realidades de uso da língua, contraposições que segundo o autor são complexas, dado que nenhuma das colocações deve ser descartada, senão estudadas com cuidado, principalmente o abismo entre elas:

Por causa dessa incapacidade da norma-padrão de conter a variação e impedir a mudança é que, com o passar do tempo, vai se abrindo uma distância muito grande entre os usos linguísticos reais e as formas normatizadas, padronizadas, eleitas como modelares. No caso brasileiro, essa distância pode parecer um verdadeiro abismo, porque a nossa tradição gramatical se inspira em grande parte em determinados usos (literários, antigos, lisboetas) do português de Portugal e despreza ou condena as variantes mais frequentemente empregadas pelos brasileiros, incluídos aí os falantes com alto grau de escolarização e membros das classes privilegiadas. Surge então o estranho sentimento que a maioria dos brasileiros tem de que "brasileiro fala mal o português" ou de que "português é muito difícil" (BAGNO, 2007. p. 94.)

Tanto a norma-padrão quanto as outras variedades são posições que podem ser legitimadas, pois, é natural ao ser humano, conforme Bartsch (1987) *apud* Bagno (2007), buscar meios necessários para garantir que esse instrumento de comunicação, a língua, seja amplamente reconhecível e interpretável, no que tange a uma justificativa para a existência da norma-padrão. Da mesma forma, é normal que os sociolinguistas, que estudam a língua como um objeto inerente ao social, defendam que a língua seja trabalhada em seus usos em meio às realidades sociais.

Uma resolução proposta para esse conflito, apontada pelo autor, é romper com o senso comum que funciona como repressor da liberdade individual e coletiva, como discriminação social. Essa tarefa não pertence somente ao linguista, como também aos professores e à escola, na verdade, à instituição como um todo, trabalhando a língua como um objeto científico, saindo da caixa do senso comum, nesse ambiente que teria como princípio formar cidadãos a partir da discussão sobre questões éticas e políticas.

Em diálogo com essa resolução, o linguista discorre sobre a necessidade de uma reeducação sociolinguística a ser trabalhada pelo professor de língua portuguesa, para seus alunos e alunas, começando pela educação linguística primária, fase na qual o aluno está transformando seus conhecimentos e saberes formalizados em um sistema que aborda conceitos determinados por uma perspectiva teórica.

Reconhecendo que a criança vai aprender muitas novidades sobre a língua e compreender que todas as manifestações verbais estão sujeitas ao julgamento social, uma vez

que, segundo o autor, a língua é um poderoso instrumento de controle social, ela pode romper ou manusear vínculos sociais, promovendo ou humilhando, incluindo ou excluindo.

Uma vez que, bem como afirma Faraco (2020), essa aprendizagem que o discente terá sobre a variação linguística, por meio de uma explicação científica, poderia auxiliar a construção de uma superação de todas as atitudes negativas em torno dos fenômenos da variação linguística, a inclusão desse tipo de reflexão nas aulas de língua portuguesa deveria causar maravilhamento em uma sociedade tão repartida como a nossa, que necessita dessa ciência.

Assim como a sociedade, a língua é um meio de conflitos, em que, por exemplo, as frases “nós vai” e “nós vamos” são formas diferentes de dizer a mesma coisa, mas representam, pela construção gramatical, coisas diferentes, no sentido de que comunicam quem é o falante de cada frase, origem social, prestígio ou desprestígio na comunidade de fala, *status* socioeconômico, dentre outras características.

Por isso, o discurso do linguista não pode estar dissociado do discurso do sociólogo, pedagogo, filósofo e antropólogo, para dar conta da problemática que tem como uma das possíveis resoluções propostas pelo autor a reeducação linguística:

Por isso estamos falando de uma reeducação, de uma educação nova, de uma reorganização dos saberes linguísticos que não tem nada que ver com “correção” nem com substituição de um modo de falar pelo outro – ao contrário, a reeducação sociolinguística tem que partir daquilo que a pessoa já sabe e sabe bem: falar a sua língua materna com desenvoltura e eficiência. E é uma reeducação sociolinguística porque é através dela que o aprendiz conhecerá os juízos de valor sociais que pesam sobre cada uso da língua. (BAGNO, 2007. p. 83.)

Para essa reeducação acontecer, o linguista lista as implicações que o professor terá no seu trabalho, como: fazer os alunos reconhecerem que sabem português e que a escola vai ajudá-los a entender ainda mais esse saber; levar os alunos a entenderem as escalas de valores que existem sobre o uso da língua; permitir que aprendam e apreendam variantes linguísticas diferentes; conscientizar o aluno sobre a língua poder ser elemento de promoção, repreensão e discriminação; trabalhar para a inserção dos alunos na cultura letrada; e, finalmente, promover o reconhecimento da diversidade linguística e da ecologia linguística. Todo esse trabalho exige que o professor faça primeiramente uma reeducação sociolinguística de si mesmo, para estar preparado para trabalhar com uma nova perspectiva sobre o tema.

Como foi possível inferir a partir do que foi discutido, essa reeducação é necessária para sairmos de abordagens equivocadas que só se propõem a apontar o que é certo e errado,

não contemplando a complexidade do problema enfrentado para sair do abismo que foi colocado entre a língua em seu uso concreto e a norma-padrão.

1.1.2. A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E ENSINO DE LÍNGUA MATERNA

A língua, para Bagno (2007), partindo dos conceitos da sociolinguística, é variável, intrinsecamente heterogênea, passando por um processo constante e permanente de construção, caracterizando-se como um sistema instável, movimentado por trabalhos coletivos empreendidos por todos os seus falantes, em atividades sociais. Assim, a língua é uma atividade social de caráter heterogêneo, distante das ideias preconcebidas de que a língua é homogênea, estável e pode ser completamente abarcada em um dicionário ou livro. Bem como afirma Faraco (2020):

Uma compreensão consistente da variação linguística, aquele saber que reconhece a variação linguística como intrínseca à realidade de qualquer língua, o saber que entende que não existe língua homogênea e que só existe língua homogênea num determinado imaginário social. Toda e qualquer língua é sempre heterogênea e o é em múltiplas dimensões. (FARACO, 2020. 8:20 - 8:50)

A partir dessa asseveração sobre o que é a variação linguística, podemos compreender que a variação e a mudança linguísticas são o estado natural das línguas. Compreendendo que a língua e o social estão essencialmente conectados, assim como existem conflitos na sociedade, transformações, instabilidades e diversidades, não poderia ser diferente com a língua, que é lugar de variação e mudanças.

Entendendo isso, Bagno (2007) observa que muitas vezes os professores se questionam sobre como trabalhar o “problema da variação” na sala de aula. O equívoco começa aí, com perspectivas preconcebidas de que a variação é problemática, o docente já transmite essa ideia ao aluno, partindo da falácia de que existe língua perfeita e de que a variação seria sua corrupção, quando, na verdade, o que ocorre é que a variação linguística é um dos processos inerentes a qualquer língua que seja utilizada por uma comunidade linguística.

Tendo isso em vista, observamos que a variação ocorre em todos os níveis da língua: variação fonético-fonológica, morfológica, sintática, semântica, lexical e estilístico-pragmática, de uma forma ordenada, pois, nada na língua é por acaso, seu sistema heterogêneo é organizado. Além da observação da variação nos níveis linguísticos, observar os fatores extralinguísticos permite compreender a correlação língua/sociedade no fenômeno

da variação linguística: origem geográfica, *status* socioeconômico, grau de escolaridade, idade, sexo, mercado de trabalho e redes sociais, dentre outros.

Esses pressupostos são importantes para entendermos a importância do trabalho com a variação linguística no ensino da língua materna e a complexidade do conteúdo, que está ligado à realidade social. Pensando nisso, Cyranka (2015), no livro “Pedagogia da variação linguística”, aborda o questionamento para pensar em uma mudança na sala de aula no trabalho com a variação nas aulas de língua materna: é preciso reinventar o ensino de língua?

A resposta para essa pergunta está ligada a existir algo de muito errado na realidade do ensino brasileiro, erro de natureza variada, presente nos resultados negativos de exames avaliativos de desempenho escolar e provas avaliativas para ingresso nas universidades, desvalorização do magistério em todos os níveis e esferas do sistema educacional, mudanças que exigem que a escola saia da bolha tradicional e se adapte às abordagens mais dinâmicas, pois o perfil tradicional da escola não se adequa mais às demandas da atualidade.

Entendendo esses problemas, a resposta para o questionamento da autora é sim, sem dúvidas devem ocorrer mudanças que, como bem apontado por Cyranka (2015), devem começar com os ensinamentos prescritivo e descritivo das gramáticas e avançar para um ensino mais reflexivo e produtivo, como uma ferramenta para o desenvolvimento da competência comunicativa, da mesma maneira que o professor de português deve ter uma nova atitude diante do ato de ensinar, refletindo que ele não vai “ensinar” os alunos a falarem português, sua função é conduzir os discentes em atividades pedagógicas de ampliação de sua competência comunicativa, considerando as variedades linguísticas.

Outro ponto chave para trabalhar com a variação linguística na sala de aula, segundo a autora, é entender que os alunos das escolas públicas brasileiras, no geral, vêm do meio urbano e rural, falantes de uma variedade intermediária. Assim, seria interessante trabalhar com essa variedade na sala de aula, apontando que não existe certo ou errado, mas sim variações que estão presentes na realidade social de cada aluno, pois, como afirma Faraco (2020. 10:20 - 10:43), como professores de língua portuguesa, devemos praticar uma pedagogia da variação linguística, uma pedagogia que não foge da realidade heterogênea da língua.

Refletindo sobre a variação linguística nas práticas de ensino, Faraco e Zilles (2015) citam um episódio que pode representar o cenário atual do enfrentamento que deve ser realizado para ensinarmos a variação linguística na sala de aula, questionando preconceitos enraizados em discursos de ódio, fator relevante, já que a língua que se usa pode levar à humilhação ou ao prestígio. Esse episódio está ligado ao livro didático “Por uma vida

melhor”, destinado à Educação de Jovens e Adultos e incluído no Programa Nacional do Livro Didático.

O Livro levou a uma onda de ódio contra a variação social, de acordo com Faraco e Zilles (2015). Em geral, o livro citado aborda a língua de maneira conservadora, segundo alguns analistas e pesquisadores, mas ao tratar sobre concordância realizou apenas alguns poucos comentários sobre fatos característicos de variantes que sofrem estigma social. Isso repercutiu de uma maneira tão negativa que levou a discursos que afirmavam que a variação linguística não deveria ser ensinada na escola básica, mas ser restringida aos conteúdos abordados pelas universidades.

Refletindo sobre esse episódio, compreendemos a importância de trabalhar esse conteúdo na sala de aula, pois, se não for na escola, em que ambiente será? E como os professores vão lidar com a heterogênea realidade linguística na escola? (FARACO, 2020. 21:01 - 21:25). Partindo desses questionamentos, podemos traçar um caminho para o trabalho com a variação linguística na escola.

Em meio a essas questões para a aplicabilidade de uma pedagogia da variação linguística na escola, Faraco (2020. 55:19 - 54:46) aponta que existem outros pontos também a serem discutidos, relacionados às dificuldades encontradas: Como fazer para trazer isso para a escola? Como ensinar? Em relação aos estudos descritivos, como lidar com a relação entre ciência e dogma?

A questão da transposição: primeiro, nós temos que continuar o trabalho descritivo, nós temos que continuar a buscar a empiria, para poder entender melhor como a diversidade linguística funciona, nas duas direções, entender melhor como a diversidade linguística funciona, mas também, nós temos que avançar no sentido de resolver o nosso imbróglio normativo. Essa é uma questão política fundamental da área de linguística e nós conversamos sempre sobre isso, mas não avançamos, nós temos que avançar nesse aspecto. A questão da transposição é uma questão em construção, tendo o quadro geral das nossas referências teóricas e práticas, os nossos objetivos, as nossas concepções pedagógicas, construímos também espaços para que a variação entre adequadamente na escola. (FARACO, 2020. 1:00:36 - 1:01:53 [transcrição da autora])

O autor mostra que não existem respostas simples e fechadas para esses questionamentos, pois, a pedagogia da variação linguística é um processo em construção, muitas perguntas ainda necessitam de respostas, porém, devemos continuar nossa busca por entender melhor esse fenômeno. Lembrando que, sobre a transposição, devemos continuar com os estudos descritivos e buscar entender melhor a diversidade linguística.

Dessa forma, com os textos citados nessa seção, compreendemos que o trabalho com a variação linguística na sala de aula, no ensino da língua materna, é essencial para romper com

discursos de ódio, preconceitos linguísticos e estigmas sociais, por meio de uma pedagogia da variação linguística. Perpassando o papel do professor, das esferas de ensino e da importância do aluno entender a sua língua em suas diversas camadas, é necessário que o aluno compreenda que sabe português, que está na escola para organizar e intensificar seus conhecimentos sobre a sua língua, e que não existe o certo ou o errado nas questões de variação linguística. O que há é a necessidade de entender a língua em sua relação intrínseca com a realidade social.

1.1.3. COMO OS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS ABORDAM A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

No fim da década de 90, com a eclosão dos pensamentos da Psicologia da Educação e da Filosofia da Linguagem, os PCN foram criados com o intuito de apresentar uma nova perspectiva para a educação no país. Os parâmetros se propõem a apontar metas de qualidade que auxiliem o aluno a enfrentar o mundo, tornando-se um cidadão reflexivo e autônomo. Para isso, é apontado como um instrumento pedagógico que irá auxiliar a escola no processo de ensino/aprendizagem.

Esses documentos são divididos da seguinte maneira: 1ª a 4ª séries, terceiro e quarto ciclo do Ensino Fundamental, que englobam 5ª a 8ª séries, e o ensino médio. Todos os textos são fundamentados com o apoio de artigos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) e trabalham com a Língua portuguesa, fazendo apontamentos sobre a estruturação social na qual a língua está inserida e as capacidades cognitivas que os alunos desenvolvem na interação verbal.

Acerca do trabalho da variação linguística no texto destinado ao ciclo da 1ª a 4ª séries, não temos a presença do termo variação linguística, mas, em toda a sua construção sobre a Língua Portuguesa, desde a caracterização da área aos conteúdos da disciplina para o ciclo, encontramos fragmentos que falam sobre a importância de entendermos as desigualdades sociais para poder compreender o processo de aprendizagem, visto que as realidades sociais dos discentes estão interligadas a sua desenvoltura na sala de aula, suas oportunidades e contextos.

O documento reconhece e se apoia nas ciências da educação para afirmar que o ensino/aprendizagem deve ser contextualizado. Assim, outros termos que remetem a conceitos da perspectiva teórica da sociolinguística são utilizados.

No que se refere à linguagem oral, algo similar acontece: o avanço no conhecimento das áreas afins torna possível a compreensão do papel da escola no desenvolvimento de uma aprendizagem que tem lugar fora dela. Não se trata de ensinar a falar ou a fala “correta”, mas sim as falas adequadas ao contexto de uso. (BRASIL, 1997, p. 15).

Esse trecho aponta que a elaboração das diretrizes pedagógicas do documento são feitas pensando na escola como um ambiente que precisa responder às novas exigências da sociedade, que não cabe à instituição ensinar o alunado a falar “corretamente”, mas sim as formas de falar de acordo com cada contexto, fazendo uso da linguagem com plena adequação social, assim, cabendo à escola ensinar saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania, o que leva à reflexão sobre a variação linguística.

Em grande parte do texto encontramos enunciados que tratam sobre a importância dos saberes linguísticos em disposições como essa: “Respeito diante de colocações de outras pessoas, tanto no que se refere às idéias quanto ao modo de falar”, (BRASIL, 1997, p. 66), que dão orientações específicas para o trabalho do professor, de como ele pode orientar o aluno a se portar diante de situações que o façam apontar e pensar na variação linguística como um erro, algo que remete ao preconceito linguístico.

No documento que apresenta as diretrizes para o terceiro e quarto ciclo do Ensino Fundamental, que contêm 5ª a 8ª séries, encontramos os mesmos princípios aplicados ao texto anterior, apresentando a língua como objeto social e explicando, nas suas orientações para os docentes, como o trabalho com a Língua Portuguesa deve ser realizado.

Porém, diferentemente do primeiro texto, esse traz como subtópico a variação linguística, ou seja, discute a temática especificamente, dando orientações para esse conteúdo. Propostas de atividades sobre o léxico e a ortografia são abordadas para trabalhar o desenvolvimento da consciência linguística e da competência discursiva dos discentes. Trechos que dialogam com esse objetivo são colocados para discutir o papel da escola no combate à discriminação linguística, frente aos fenômenos da variação:

A discriminação de algumas variedades linguísticas, tratadas de modo preconceituoso e anticientífico, expressa os próprios conflitos existentes no interior da sociedade. Por isso mesmo, o preconceito linguístico, como qualquer outro preconceito, resulta de avaliações subjetivas dos grupos sociais e deve ser combatido com vigor e energia. É importante que o aluno, ao aprender novas formas linguísticas, particularmente a escrita e o padrão de oralidade mais formal orientado pela tradição gramatical, entenda que todas as variedades linguísticas são legítimas e próprias da história e da cultura humana. (BRASIL, 1998. p. 82).

Assim, o texto trabalha com a legitimação das variedades linguísticas, dando orientações e propondo atividades que abordam esse tema e levam às análises e reflexões sobre a língua, um trabalho realizado com a intenção de que o alunado entenda a variação linguística e tenha consciência sobre como ela deve ser tratada, uma vez que os aspectos socioculturais devem ser compreendidos para que não haja discriminação baseada em diferenças sociais.

Nos parâmetros para o Ensino médio, as orientações são um pouco diferentes, pensando no formato de disciplinas que terão que compor a grade de Língua Portuguesa, que são literatura e redação. Assim como o texto da 1ª a 4ª séries, não é apresentada a nomenclatura variação linguística, mas, dentro das orientações das competências que devem ser aprendidas pelos alunos até o fim do Ensino Médio, existem aplicações que levam à interpretação da língua como objeto social e ao trabalho com a variação linguística, velando as definições da sociolinguística, como pode ser observado neste excerto:

Os gêneros discursivos cada vez mais flexíveis no mundo moderno nos dizem sobre a natureza social da língua. Por exemplo, o texto literário se desdobra em inúmeras formas; o texto jornalístico e a propaganda manifestam variedades, inclusive visuais; os textos orais coloquiais e formais se aproximam da escrita; as variantes linguísticas são marcadas pelo gênero, pela profissão, camada social, idade, região (BRASIL, 2000. p. 21).

Nessa citação, além da presença do termo “variantes linguísticas”, o texto apresenta as possibilidades de uso da língua e que isso acarreta em dominarmos a linguagem, ao compreendermos quem produz e para quem em determinados contextos sociais de interação, analisando e refletindo sobre a língua no ato comunicativo.

No geral, concluímos que os PCN abordam indiretamente a variação linguística, já que em duas de suas três partes não aborda a nomenclatura, o que não significa que o reconhecimento do fenômeno não esteja dentro dos conteúdos e orientações elaboradas, visto que as atividades propostas nos levam a interpretar que a variação linguística é trabalhada nas capacidades desenvolvidas nos processos discutidos pelos textos e que o texto faz uso da perspectiva da sociolinguística.

Vale observar que os PCN marcam uma nova era de ensino no nosso país, ao se valerem de conceitos da sociolinguística, trabalhando a língua como objeto social, algo que até então era discutido apenas nas universidades, e que pode ser colocado em pauta no ensino básico com o auxílio desses documentos. Outro ponto que merece atenção é a questão de que, por mais que tenhamos outro documento em vigor, a BNCC, os parâmetros ainda orientam a

educação nas nossas instituições escolares, posto que a implementação completa de outro documento demanda um tempo de adaptação.

1.1.4. COMO A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR ABORDA A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

A BNCC, o documento mais atual que se propõe a orientar o ensino no nosso país, apresenta, para o Ensino Fundamental e Médio, competências específicas e habilidades que devem ser trabalhadas em Língua Portuguesa, com eixos organizadores. Um dos principais é o campo de atuação social, que engloba práticas de linguagem em diferentes mídias e conhecimento de diversos campos sociais, com o intuito de proporcionar enriquecimento cultural, formação cidadã e preparo para lidar com os inúmeros contextos sociais.

É importante observar que o documento é recente e suas orientações estão sendo aplicadas progressivamente, pois a efetiva aplicabilidade de suas disposições exige tempo, visto que o sistema educacional caminha a passos curtos. Conectadas a isso, temos as críticas às pretensões desse documento, que em sua formulação não dialogou com o Projeto Político-Pedagógico das escolas, o que resulta na não contemplação da realidade de cada escola, ao não abordar a autonomia das instituições sobre seu próprio currículo, como estudam Candido e Gentilini (2017). Porém, não entraremos nesse mérito, uma vez que nossa discussão é voltada para a abordagem da variação linguística no documento.

Na BNCC, no âmbito do ensino fundamental, a variação linguística é discutida no eixo da Análise Linguística/Semiótica, reconhecendo que é nessa fase que o aluno assimila a análise para compreender a produção de linguagens, refletindo sobre as formas de dizer as mesmas coisas com palavras diferentes, as ênfases e as significações diversas, oportunizadas nos textos orais e escritos multissemióticos, em contextos sociais distintos, como é exposto neste excerto:

Cabem também reflexões sobre os fenômenos da mudança linguística e da variação linguística, inerentes a qualquer sistema linguístico, e que podem ser observados em quaisquer níveis de análise. Em especial, as variedades linguísticas devem ser objeto de reflexão e o valor social atribuído às variedades de prestígio e às variedades estigmatizadas, que está relacionado a preconceitos sociais, deve ser tematizado. (BRASIL, 2018. p. 79).

Dialogando com esse fragmento, o documento também coloca a variação linguística como uma das competências específicas de língua portuguesa, orientando o trabalho com a variação como objeto de conhecimento do 3º ao 5º ano, do 6º ao 9º ano como objeto de

conhecimento e habilidades, e no 9º ano como objeto de conhecimento. Já no 8º ano não existem orientações para trabalhar com essa temática.

Somado a isso, essa abordagem é realizada de forma vaga, com um ou dois pequenos parágrafos para orientar o professor sobre que temas devem ser trabalhados, como pode ser exemplificado por esse fragmento de Brasil (2000, p.189), contendo a única orientação para o trabalho no 9º ano com o tema como “Identificar estrangeirismos, caracterizando-os segundo a conservação, ou não, de sua forma gráfica de origem, avaliando a pertinência, ou não, de seu uso”.

O quadro de abordagem da variação linguística no Ensino Médio não é diferente e é até menos expressivo. O fenômeno está encaixado na competência específica que trata sobre compreender a língua como variável, histórica e social, como um fenômeno registrado pela heterogeneidade e variedade de registros comportados em determinados contextos de comunicação, como apresenta esse trecho:

Essa competência específica indica a necessidade de, ao final do Ensino Médio, os estudantes compreenderem as línguas e seu funcionamento não de maneira normativa, como um conjunto de regras e normas imutáveis, mas como fenômeno marcado pela heterogeneidade e variedade de registros, dialetos, idioletos, estilizações e usos muito variados de outras línguas em âmbito global, respeitando o fenômeno da variação linguística, sem preconceitos. (BRASIL, 2018. p. 486).

Essa colocação é uma das únicas realizadas pela BNCC, constando somente mais uma, abordando a variação, apontada como uma habilidade das práticas de leitura, escuta, produção de textos (orais, escritos, multissemióticos) e de análise linguística/semiótica no campo de atuação social, como mostra esse fragmento:

Analisar o fenômeno da variação linguística, em seus diferentes níveis (variação fonético-fonológica, lexical, sintática, semântica e estilístico-pragmática) e em suas diferentes dimensões (regional, histórica, social, situacional, ocupacional, etária etc.), de forma a ampliar a compreensão sobre a natureza viva e dinâmica da língua e sobre o fenômeno da constituição de variedades linguísticas de prestígio e estigmatizadas, e a fundamentar o respeito às variedades linguísticas e o combate a preconceitos linguísticos. (BRASIL, 2018. p. 500).

Faraco (2020. 54:07 - 54:28), a respeito dos documentos educacionais, como a BNCC, afirma que, no que concerne ao papel da pedagogia da variação linguística nesse documento, nós ainda não conseguimos formular um discurso oficial que incorpore a variação linguística

de maneira consistente. Porém, sem dúvida, há um avanço, como pode ser exemplificado com a citação anterior da BNCC, reconhecendo a existência da variação linguística e a importância de discuti-la em sala de aula.

Com o que foi exposto e as exemplificações de fragmentos do documento, podemos afirmar que tanto no ensino fundamental, como no ensino médio, o tema é abordado de maneira vaga, sem muitas orientações para nortear o trabalho do docente. Isso traz perspectivas negativas sobre a implementação desse documento, no que se refere ao trabalho com a variação linguística, visto que o suporte que a BNCC e os PCN oferecem é mínimo: a abordagem é realizada sem apresentar formas práticas de se trabalhar o tema na sala de aula e o assunto é tratado de maneira genérica.

CAPÍTULO II

2. METODOLOGIA

Nesta seção, apresentamos os procedimentos metodológicos realizados na nossa pesquisa, descrevendo a coleta de dados, o questionário aplicado na pesquisa, as escolas pesquisadas e os sujeitos entrevistados. Realizamos para a pesquisa entrevistas via *WhatsApp*, de maneira escrita, com três professoras de escolas distintas da cidade de Flores - PE. Os passos metodológicos estão dispostos no quadro a seguir:

Quadro 1 –Procedimentos metodológicos

Proposta	Compreender como questões de variação linguística são abordadas no ensino fundamental em escolas públicas da cidade de Flores - PE
1- Levantamento bibliográfico	Estudo teórico sobre a questão da variação linguística, sob o ponto de vista da sociolinguística educacional, ensino de língua materna, PCN e BNCC.
2- Criação de instrumento para a coleta de dados	Elaboração de questões sobre a abordagem da variação linguística na prática de sala de aula para participantes voluntárias.
3- Seleção de participantes	Contato com professoras da rede pública municipal de Flores - PE para checar a disponibilidade em colaborar com a pesquisa.
4- Coleta de dados	Envio das questões elaboradas via <i>WhatsApp</i> para três professoras do ensino fundamental de três escolas públicas da cidade de Flores - PE.
5- Análise	Elaboração de discussões a partir dos dados coletados.

Fonte: A autora (2020).

Como pode ser observado, primeiramente, realizamos um levantamento bibliográfico de textos e autores que tratam sobre a variação linguística, seja por um viés da sociolinguística educacional, do ensino da língua materna ou de documentos que norteiam o ensino. Em um segundo momento, após a manifestação de disponibilidade para participar da pesquisa, realizamos a aplicação do questionário com três professoras, modo em que ocorreu a coleta de dados. Por fim, realizamos uma análise dos dados coletados por meio de discussões a respeito das respostas encontradas e da fundamentação teórica apresentada na pesquisa.

2.1. COLETA DE DADOS

Como parte constituinte da metodologia, abordaremos nessa seção como os dados foram coletados. Inicialmente, iríamos realizar a entrevista de forma oral e presencialmente, porém, os dados da pesquisa foram obtidos a partir de um questionário realizado de maneira escrita, por meio do aplicativo *WhatsApp*, uma vez que estamos vivenciando um momento de pandemia¹. A escolha desse aplicativo se deu pela familiarização que as professoras demonstraram possuir com ele, o que nos fez escolhê-lo em detrimento de outros mecanismos tais como o *Google Forms*, uma vez que intentamos fazer com que as colaboradoras se sentissem o mais confortáveis possível com a sua participação na pesquisa.

A entrevista foi realizada com três professoras que ministram aulas de língua portuguesa no ensino fundamental em escolas públicas da cidade de Flores - PE. Para a realização dessa pesquisa, inicialmente, foi entregue para cada professora um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 2), com o objetivo de esclarecer o conteúdo da pesquisa, o sigilo e a confidencialidade em relação aos seus dados pessoais.

Após a leitura e assinatura do termo, as entrevistas foram realizadas. Com essa entrevista via *WhatsApp*, tínhamos o intuito de contemplar os nossos objetivos de compreender como questões de variação linguística são abordadas no ensino fundamental em escolas públicas da cidade de Flores, discutir como é o tratamento da variação linguística na sala de aula, no tocante à atitude das professoras colaboradoras da pesquisa e dos materiais didáticos por elas utilizados.

Em um primeiro momento, uma dificuldade foi encontrada: as professoras demoraram a responder as questões e quando começaram a mandar as respostas, muitas eram realizadas de forma vaga, sem muito aprofundamento no assunto. Porém, é possível afirmar que algumas perguntas foram satisfatoriamente respondidas, contemplando a complexidade exigida pelo questionário. Até mesmo as que foram realizadas de forma vaga, foram significativas, pois, revelaram o conhecimento e desenvoltura das professoras com o tema da questão.

Após a coleta dos dados, as respostas foram analisadas e estudadas sob o ponto de vista científico, entrelaçando os dados com os textos estudados durante a pesquisa. Tendo isso em mente, abordaremos na seção a seguir o questionário aplicado na pesquisa.

¹Inicialmente realizaríamos as entrevistas e questionários de maneira presencial, porém, essa mudança foi necessária devido à pandemia da Covid-19, que nos impossibilitou de executar a coleta de dados como planejado, uma vez que optamos por respeitar as normas sanitárias estabelecidas pela Organização Mundial de Saúde.

2.1.2. O QUESTIONÁRIO

A seguir, apresentamos o questionário (Anexo 1), composto por questões abertas que foram acessadas pelas colaboradoras de forma escrita, através do aplicativo *WhatsApp*:

Questionário:
1. O que você entende por variação linguística?
2. Você trabalha a temática “variação linguística” na sala de aula? Caso sim, como é a recepção dos alunos para esse tema?
3. Os documentos que norteiam o seu trabalho, como os Parâmetros Curriculares Nacionais e a Base Nacional Comum Curricular, auxiliam com o trabalho sobre a variação linguística na sala de aula? Caso sim, de que maneira?
4. Na sua opinião, qual o papel do professor diante da diversidade linguística do aluno?
5. Qual a sua ideia acerca dos usos não-padrão (informais) da língua?
6. Qual a sua abordagem à ocorrência de variação linguística na fala dos seus alunos?
7. O que você entende por preconceito linguístico?
8. Qual a sua atitude perante a demonstração de preconceito linguístico por parte dos seus alunos?

Com essas perguntas, tínhamos a intenção de refletir sobre como as professoras concebem o conceito e aplicabilidade da variação linguística, pois sua atitude em relação ao tema diz muito sobre como elas trabalham o assunto na sala de aula. Tínhamos o objetivo de compreender também qual é o suporte que o professor recebe dos documentos oficiais da educação.

2.1.3. ESCOLAS PESQUISADAS E SUJEITOS DA PESQUISA

Em relação às escolas pesquisadas, cada professora entrevistada pertencia a uma escola diferente, por motivos de confidencialidade, as professoras aqui mencionadas serão nomeadas como P1, P2 e P3. As escolas nas quais essas professoras atuam, são,

respectivamente: Escola Municipal Dr. Paulo Pessoa Guerra, Escola Municipal José Josino de Góes e Escola Municipal Romão Ferreira de Azevedo.

A Escola Municipal Dr. Paulo Pessoa Guerra foi fundada em 1963, com a portaria de aut. N.1070 de 11/04/96 M.554.017 e CNPJ: 01.942.797/0001-09. A instituição está localizada na Rua Dom Pedro II, s/n, centro, no distrito de Sítio dos Nunes, no município de Flores, e dedica-se à formação do Ensino Fundamental, anos iniciais e finais, pré-escola e creche.

A escola possui em sua estrutura 11 salas de aula, 01 diretoria, 01 secretaria, 01 laboratório, 01 sala de informática, 01 quadra poliesportiva, 01 banheiro, 01 vestuário e 01 cozinha. Além disso, no tocante às problemáticas da escola, é perceptível que a maioria dos alunos que vêm da zona rural tem dificuldade em conseguir uma locomoção de qualidade, pois alguns não possuem transporte.

A Escola Municipal José Josino de Góes foi fundada em 1966 por José Josino, portaria: 1070 de 10-04-1996, publicado no Diário Oficial 11-04-1996, sob o cadastro M-554.029. Está situada no Povoado de São João dos Leites, a 50 Km da cidade de Flores – PE. O projeto político pedagógico dessa escola tem os principais objetivos bem claros como: incentivar a participação da família e da comunidade no processo educativo da escola.

Em sua estrutura a escola é fragmentada em partes, pois possui anexos. No geral, contém 01 cozinha, 08 salas de aula, 01 diretoria, 06 cabines com sanitários. O anexo não é adaptado para alunos com necessidades especiais. A instituição é voltada para o Ensino Fundamental, anos iniciais e finais, pré-escola e creche e contempla os alunos do povoado, que se trata de uma região da zona rural.

A Escola Municipal Romão Ferreira de Azevedo foi fundada em 03 de setembro de 1965. Está situada no Povoado Saco do Romão, município de Flores –PE, Zona Rural. Na sua infraestrutura possui 09 salas de aula, quadra de esportes coberta, 01 sala de secretaria, 01 cozinha, 01 sala de informática, 02 banheiros. A instituição possui Ensino Fundamental, anos iniciais, finais e supletivo, pré-escola e creche.

A partir do que foi mencionado, observamos que apenas uma das escolas está localizada na zona urbana, as outras estão na zona rural e abarcam os alunos do seu povoado. Todas as instituições contemplam o Ensino Fundamental, anos iniciais e finais, pré-escola e creche. Em sua grande maioria, todos os alunos das escolas são da Zona rural da cidade de Flores – PE.

Para compreender os sujeitos da pesquisa, foi realizado um questionário a respeito da profissão e atuação atual das professoras voluntárias na pesquisa:

Questionário:

1. Qual é sua formação e em qual instituição?
2. Quanto tempo atua na área?
3. Em quais turmas você leciona?
4. Porque você leciona Língua Portuguesa?

A professora P1, que atua na Escola Municipal Dr. Paulo Pessoa Guerra, é formada em Licenciatura em História pela Faculdade de Formação de Professores de Serra Talhada (FAFOPST), trabalha como professora há 32 anos e, atualmente, leciona Língua Portuguesa no 6º, 7º e 8º anos do Ensino Fundamental. Ao ser questionada a respeito do motivo de ensinar Língua Portuguesa, a professora afirma que se afastou da sua área de formação por necessidade e que iniciou ensinando turmas de Língua Portuguesa para completar a carga horária e que depois foram surgindo outras turmas.

A docente P2, que trabalha na Escola Municipal José Josino de Góes, é formada em Licenciatura em Língua Portuguesa e Língua Inglesa pela FAFOPST, atua como professora há mais de 28 anos e leciona no 6º, 7º e 8º anos do Ensino Fundamental. A docente comenta que, na época em que estudou, uma das únicas oportunidades de cursar o ensino superior era cursar o curso de Letras.

A professora P3 atua na Escola Municipal Romão Ferreira de Azevedo, é formada em Geografia, possui Especialização em Geopolítica pela FAFOPST e é formada em Direito pela Faculdade de Integração do Sertão (FIS). Atua como professora há 26 anos e leciona no 6º ano do Ensino Fundamental. Ao responder a última questão do questionário a respeito da sua profissão, a docente afirma que está muito distante da sua área de formação e leciona Língua Portuguesa uma vez que foi a oportunidade de trabalho que surgiu. Sem outra opção, ela iniciou esse desafio e hoje em dia é apaixonada por essa área.

No capítulo que segue, analisaremos as respostas de P1, P2 e P3 ao questionário voltado para os seus conhecimentos e a sua abordagem sobre a variação linguística na prática em sala de aula de Língua Portuguesa.

CAPÍTULO III

3. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os dados desta pesquisa são um compilado das respostas obtidas a partir de uma entrevista realizada virtualmente com três professoras do Ensino Fundamental de escolas públicas municipais, com o intuito de compreender como questões de variação linguística são abordadas no ensino fundamental em escolas públicas da cidade de Flores.

As seguintes questões estavam presentes no questionário:

1. O que você entende por variação linguística?
2. Você trabalha a temática “variação linguística” na sala de aula? Caso sim, como é a recepção dos alunos para esse tema?
3. Os documentos que norteiam o seu trabalho, como os Parâmetros Curriculares Nacionais e a Base Nacional Comum Curricular auxiliam com o trabalho sobre a variação linguística na sala de aula? Caso sim, de que maneira?
4. Na sua opinião, qual o papel do professor diante da diversidade linguística do aluno?
5. Qual a sua ideia acerca dos usos não-padrão (informais) da língua?
6. Qual a sua abordagem à ocorrência de variação linguística na fala dos seus alunos?
7. O que você entende por preconceito linguístico?
8. Qual a sua atitude perante a demonstração de preconceito linguístico por parte dos seus alunos?

É importante ressaltar que as respostas das professoras foram transcritas neste trabalho exatamente como foram fornecidas, por escrito, através do aplicativo *WhatsApp*.

3.1. DISCUSSÕES E RESULTADOS DA ENTREVISTA

No intuito de mapear como é tratado o ensino da variação linguística, perguntamos para as professoras “**O que você entende por variação linguística?**”, e as seguintes respostas foram obtidas:

“Entendo que é a movimentação comum e natural de uma língua que ocorre devido as possíveis mudanças de seus elementos, os quais são adequados ao contexto em que os falantes se encontram.” (P.1).

“Entendo que é uma forma de flexibilização quanto a língua, ou seja, a compreensão das diferenças na língua, como por exemplo, cada região tem sua forma de falar sendo preciso que os alunos entendam e respeitem as variações entre esses grupos.” (P.2).

“Entendo que são as diferentes formas que uma comunidade linguística usa para se expressar.” (P.3).

Como pode ser observado, P.1 entende a variação linguística como um processo inerente à língua, afirmação que corrobora com o conceito dessa temática. P.2 e P.3 dão respostas similares, destacando a percepção da variação linguística como o lugar do “diferente”, das possibilidades de expressar através dos usos linguísticos as particularidades de cada região.

Em relação à pergunta **“Você trabalha a temática “variação linguística” na sala de aula? Caso sim, como é a recepção dos alunos para esse tema?”**, todas as respostas foram positivas:

“Trabalho sim. Eu vejo que alguns alunos se envolvem com bastante entusiasmo, principalmente quando apresento alguns vocábulos utilizados em determinadas regiões, os quais desconheciam.” (P.1).

“Trabalho sim, tento fazer com que os alunos entendam através do diálogo a importância da variação e o respeito para que haja melhor aceitação das diferenças da língua, como respeitar a fala do outro melhorando a convivência entre eles. A aceitação entre eles sempre é boa.” (P.2).

“Sim, a recepção sempre é boa, pois mostro como o dialeto pode mudar de acordo com a região, idade, sexo, escolaridade, esse fato acaba chamando a atenção dos alunos que geralmente tem algum exemplo para relatar.” (P.3).

As respostas obtidas demonstram que as professoras têm a preocupação de trabalhar a variação linguística na sala de aula e relatam que os alunos demonstram interesse pelo assunto, por fazer parte da realidade deles ou ser algo distante que causa curiosidade. Algo que é importante, pois, o aluno deve ter ciência sobre a heterogeneidade da língua e a professora tem o dever de ensinar os saberes linguísticos que levam a essa percepção da língua. Apesar disso, P.1 parece ter um entendimento sobre variação linguística reduzido à variação lexical, e P.3, a partir da sua resposta, parece ser a única a apontar aos seus alunos a importância dos fatores extralinguísticos como condicionantes da variação.

Na busca por compreender como os documentos oficiais da educação orientam o trabalho do professor com a variação, elaboramos a questão **“Os documentos que norteiam o seu trabalho, como os Parâmetros Curriculares Nacionais e a Base Nacional Comum Curricular auxiliam com o trabalho sobre a variação linguística na sala de aula? Caso sim, de que maneira?”**, e obtivemos o seguinte resultado:

“Os documentos da BNCC são de relevante importância no trabalho docente, pois nos orienta em nossa prática. Esses documentos desenvolvem uma orientação direcionada para o fenômeno variação linguística, pois considera que o estudo desse fenômeno é essencial para a formação da consciência linguística e o desenvolvimento da competência discursiva do estudante.” (P.1).

“Temos com base os Parâmetros Curriculares, e quanto a abordagem em sala de aula trabalho através do dialogo, leitura e entendimento do assunto abordado.” (P.2).

“auxiliam sim, os documentos são norteadores da forma que devemos trabalhar em cada turma, porém acho que deviam trazer mais conteúdos que nos auxiliasse no planejamento das aulas.” (P.3).

Todas as professoras afirmam que os documentos orientam o trabalho com a temática, porém P.3 afirma que ele norteia, mas não traz muitos conteúdos para auxiliar na aplicabilidade do conteúdo na turma. Por mais que todas reajam positivamente à questão, é perceptível que os documentos são importantes, trazem algumas orientações, mas não vão além disso: no momento de trabalhar com o tema na turma, os professores encontram dificuldades.

Pensando em qual seria o dever do professor diante da temática da pesquisa, realizamos a pergunta **“Na sua opinião, qual o papel do professor diante da diversidade linguística do aluno?”**:

“O professor é mediador da aprendizagem, portanto diante da diversidade linguística do aluno ele como mediador deve proporcioná-lo contato com diversos gêneros orais e escritos, para que o aluno possa desenvolver sua percepção em relação a linguagem.”(P.1).

“O papel do professor é proporcionar diálogo e compreensão sobre o assunto para os alunos.”(P.2).

“O professor tem o papel de apresentar essas diversidades aos alunos quanto questões naturais da língua, mostrando como é a forma coloquial e formal da língua e seus contextos de uso.”(P.3).

Percebemos que as respostas corroboram com a afirmativa de Bagno (2007) a respeito de qual deve ser a atitude do professor em relação à temática: primeiramente, ele deve reconhecer que não se trata de um erro, partindo da ideia de que existe uma língua perfeita e de que a variação é um problema, ele deve reconhecer que a variação linguística é um dos processos inerentes à língua.

A partir da pergunta **“Qual a sua ideia acerca dos usos não-padrão (informais) da língua?”**, as docentes afirmaram:

“A diversidade linguística existe e é necessário valorizar a cultura e a língua materna de cada ser humano.” (P.1).

“Sempre converso com os alunos sobre o respeito quanto a linguagem, pois eles tem que aprender a utilizar a linguagem formal, mas também é necessário que se respeite os grupos que fazem o uso da linguagem no informal. É preciso que aja uma interação entre alunos professor e grupos que usam cotidianamente a variação.” (P.2).

“Acredito que todos nós de alguma forma utilizamos a linguagem informal em nosso cotidiano, com amigos parentes e em momentos de descontração. Tendemos a usar a linguagem padrão em locais formais que exigem um cuidado maior na fala. Por esse motivo, não considero a linguagem não-padrão errada, porém, devemos orientar nosso alunos a ter conhecimento da padrão e fazer uso dela tanto em locais formais quanto em seu cotidiano também.” (P.3).

Percebemos que os sujeitos da pesquisa entendem a necessidade de compreendermos que nossa fala é realizada em consonância com os contextos. Observamos também que em nenhum momento são citados os conceitos de certo ou errado, mas sim, diversidades de formas de falar que devem ser adequadas ao contexto.

Para entender a atitude dos sujeitos da pesquisa diante da realidade da fala de seus alunos, realizamos a questão **“Qual a sua abordagem à ocorrência de variação linguística na fala dos seus alunos?”**, e obtivemos o seguinte resultado:

“A abordagem em ocorrência da variação linguística deve se dá de maneira cautelosa para que o aluno não se sinta criticado nem tão pouco desestimulado, uma vez que as variações são partes fundamentais da cultura de cada ser humano e deve ser respeitada portanto não devemos criticá-lo,mas incentivá-lo.” (P.1).

“Hoje vivemos sem um mundo amplo e informatizado, onde a nova geração tem uma visão totalmente clara diante dessas diferenças, hoje vejo que a variação está se tornando cada vez mais comum e padronizada pois a modernidade oferece esse recurso, por conta de internet os alunos tem muito acesso aos dois tipos de linguagem causando menos estranheza.” (P.2).

“Busco não intimidá-los, mas os oriento sobre a norma padrão e também explico sobre a variação se for o caso.” (P.3).

Os sujeitos da pesquisa pontuam que não intimidam os alunos e tem cautela ao abordarem o assunto, mas P.2 demonstra alguma confusão com os conceitos ao afirmar que a variação está cada vez mais “padronizada”, e ao reduzir a variação linguística a “dois tipos de linguagem”. Ainda assim, as professoras parecem compreender que, quando há a presença da variação na fala dos alunos, o professor deve ter cautela e reforçar a inerência da variação à língua, até mesmo retomando o seu conceito, como reitera P.3.

Após compreendermos os conceitos, abordagens e auxílio que os documentos oficiais propiciam ao professor a respeito da variação linguística, adentramos no tema preconceito linguístico, almejando compreender como os professores abordam essa temática. Para isso fizemos a seguinte pergunta **“O que você entende por preconceito linguístico?”**:

“Entendo que preconceito linguístico é o desrespeito, é a rejeição as variedades linguísticas que consiste em julgar o indivíduo pela forma como ele se expressa; quanto mais distante se encontra da norma culta, mais rejeitado, mais criticado é o falante.” (P.1).

“Para mim o preconceito linguístico é caudado pela falta de aceitação, é a discriminação do outro através da sua fala. Sempre houve o preconceito linguístico mas atualmente acho que esta sendo mais respeitado a variação pois cada um tem o direito de expressar-se da forma que acha melhor. O preconceito linguístico sempre vai existir é uma questão de aceitação e responsabilidade social.” (P.2).

“Preconceito linguístico é o ato de discriminar a fala do outro, tanto da forma escrita como oral sem levar em consideração seu grau de escolaridades” (P.3).

Percebemos que as professoras estão cientes do conceito e problemáticas que envolvem o preconceito linguístico. Há diálogo entre as respostas das docentes, reconhecendo que se trata de um problema, que assim como temos preconceito social, racial, temos também essa questão nos usos linguísticos atrelados a QUEM os manifesta.

Ainda buscando entender a abordagem das professoras, aplicamos a questão **“Qual a sua atitude perante a demonstração de preconceito linguístico por parte dos seus alunos?”**:

“Perante uma demonstração preconceituosa do aluno em relação a variedade linguística, uma das melhores atitudes é mostrar que nenhuma pessoa por mais culta que seja, ela pode ser considerada dona do português, nem tão pouco seja capaz de

dominar as variedades linguísticas em todos os aspectos. O preconceito seja racial, seja linguístico, seja qual for é um dos piores males impregnado na sociedade. seja qual for.” (P.1).

“Explico que tem que haver respeito mutuo em todas os âmbitos, também no da fala para que possamos conviver com as diferenças .” (P.2).

“Busco mostra que não é um erro e sim uma variação da língua e que aquele ato é preconceito linguístico, porem enquanto discentes eles devem buscar policiar suas falas e escrita, pois será exigido dele em alguns locais futuramente e principalmente em provas que a norma padrão será utilizada como o correto.” (P.3).

P.1 e P.2 afirmam que deve haver respeito pela fala do outro e uma convivência harmoniosa com as diferenças, uma vez que, assim como os outros tipos de preconceito presentes na sociedade, o preconceito linguístico é um mal. A docente P.3salienta que, por mais que o preconceito linguístico deva ser combatido, o aluno deve ser orientado, na sua condição de discente, a falar de maneira formal, pois isso será cobrado dele futuramente.

Em síntese, as docentes demonstram ter conhecimento do assunto ao mencionarem em suas respostas os conceitos e colocações importantes sobre o que configura a variação linguística e o preconceito linguístico. A respeito dos documentos oficiais da educação que orientam o trabalho na sala de aula, os sujeitos da pesquisa afirmam a importância do documento, ao nortear o trabalho do professor, porém, como é comentado por P.3, por mais que o documento seja uma base, não aborda conteúdo e formas de aplicar o assunto na sala de aula, algo que revela uma falha do documento. P.1 e P.2 não mencionam essa falha, apenas afirmam a relevância desse norteamento presente no documento. Percebemos também que a postura e a abordagem do professor diante da variação linguística são correlatas com as suas atitudes na sala de aula, até onde podemos inferir a partir das respostas fornecidas.

3.1.2. SÍNTESE DO ESTUDO COM BASE NOS DADOS

A partir da relação dos resultados com a fundamentação teórica, podemos afirmar que as respostas obtidas dialogam com o que é colocado por Bartsch (1987) *apud* Bagno (2007), ao dizerem que tanto a norma-padrão quanto outras variedades são posições que devem ser legitimadas, pois são instrumentos de comunicação efetivos e, em relação à sociolinguística e ao ensino da variação linguística, vemos a importância, como docentes, de ensinar a língua como um objeto inerente ao social. Ao associar a língua com a realidade social, como

afirmam os sujeitos da pesquisa, observamos a curiosidade e interesse dos alunos serem aguçadas, por haver uma aproximação com a sua realidade.

Outro ponto levantado a partir das questões da entrevista foi sobre qual é o papel dos professores diante da variação linguística na sala de aula. No tocante a essa questão, compreendemos a necessidade de romper com o senso comum, que funciona como repressor da liberdade individual e coletiva, como discriminação social.

Porém, essa não é só tarefa do linguista, é também responsabilidade dos professores e da instituição escola como um todo: esse conjunto precisa trabalhar a língua como um objeto científico, que permeia o social, pois a escola forma cidadãos, ensinamento que envolve discussões sobre ética e política, sobre a língua como instrumento de poder, e possui um papel relevante nessa instrução. Dessa maneira, a função do docente é conduzir os discentes em atividades pedagógicas de ampliação de sua competência comunicativa, considerando as variedades linguísticas.

Em consonância com a discussão promovida por Faraco (2020), acreditamos que essa explicação da língua por meio de uma postura científica pode auxiliar na construção e na superação de atitudes negativas diante da variação linguística. Desse modo, o professor pode lidar na sala de aula com o preconceito linguístico a partir de uma abordagem pautada na observação e no levantamento de dados e hipóteses, uma atitude necessária em uma sociedade que se apresenta tão polarizada e tão negacionista da ciência, como esta de que, infelizmente, fazemos parte atualmente.

Considerando isso, uma possível explicação para a postura dos alunos diante da variação, como a relatada pelos sujeitos da pesquisa, seria o trabalhar a língua como objeto científico, que pode e deve ser relacionado com a fala dos discentes. Assim como afirma Bagno (2007), essa perspectiva é uma reeducação sociolinguística, necessária para romper com o preconceito e reorganizar os saberes linguísticos, para que não ocorra a correção de um modo de fala pelo outro, mas sim uma valorização daquilo que o aluno já sabe e sabe bem: falar a sua língua materna com eficiência e desenvoltura, reconhecendo que o uso da língua carrega juízos de valores sociais.

Essa reeducação deve ocorrer com a postura do professor, ele deve fazer com que os alunos tenham ciência de que sabem português e de que é papel da escola auxiliá-los em uma compreensão mais profunda desse saber. Além disso, o aluno deve entender que a língua é um instrumento de poder, que pode levar tanto à promoção quanto à humilhação. Possuindo esse discernimento, o discente deve adentrar no reconhecimento da diversidade e da ecologia linguística. Porém, antes desse processo de ensinamento e reeducação sociolinguística, o

professor deve fazer esse trabalho em si mesmo, para estar preparado para abordar uma nova postura diante do tema.

Como observamos nas entrevistas, as professoras possuem a postura de reconhecimento da variação linguística como um processo inevitável e inerente à língua. Porém, além de ter esse reconhecimento, é necessário trabalhar com os alunos as implicações de determinadas posturas e a relevância de compreender o poder que a língua propicia, a sua ampla diversidade e o quanto isso é parte da sua natureza, fator que não está relacionado ao sistema binário de certo ou errado, de feio ou bonito.

Tendo em conta que os alunos das escolas públicas brasileiras, no geral, vêm do meio urbano e rural, são falantes de uma variedade intermediária, no caso da nossa pesquisa, trabalhamos com professoras que atuam em escolas que abarcam, em sua grande maioria, discentes que vêm da zona rural, alunos que, muitas vezes, são alvo do preconceito linguístico. Assim sendo, o trabalho pedagógico não deve fugir da realidade heterogênea da língua e deve evitar uma abordagem pautada em conceitos como certo ou errado.

A respeito das diretrizes pedagógicas abordadas nos documentos oficiais do ensino da língua portuguesa, é reiterado que a escola é um ambiente que precisa preparar o aluno para as novas exigências da sociedade e que não cabe à instituição ensinar o discente a falar “corretamente”, mas instruir o aluno a aprender as formas de falar em consonância com o contexto no qual está inserido.

Como bem mencionam as nossas colaboradoras, tanto os PCN quando a BNCC dão essa orientação, porém não apresentam uma forma de aplicar o assunto em sala de aula. Assim sendo, na hora da prática, o professor possui dificuldade em concretizar o assunto na turma, uma vez que só tem um norte, não um auxílio no caminho para a concretização.

Vale observar que, como menciona Faraco (2020. 54:07 - 54:28), não conseguimos ainda formular um discurso oficial que incorpore a variação linguística de maneira consistente, mas avançamos ao pelo menos abordar algumas pontuações sobre o assunto na BNCC, algo que mostra o progresso que temos nas orientações para trabalhar com esse tema na sala de aula.

No geral, um diálogo foi estabelecido entre o que foi dito pelos sujeitos da pesquisa com o que é defendido na perspectiva de uma reeducação sociolinguística e pedagogia da variação linguística. Podemos perceber que esse caminho começa a ser trilhado, a partir da postura respeitosa e científica do professor diante do ensino da língua portuguesa na sala de aula, respeitando os saberes dos alunos e incorporando uma prática pedagógica da variação linguística.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como resultado do nosso trabalho, acreditamos ter atingido o nosso objetivo de compreender como questões de variação linguística são abordadas no ensino fundamental em escolas públicas da cidade de Flores - PE, ao realizar um estudo com professoras da região, a partir da solicitação de resposta a questões que envolvem abordagens, conceitos e situações concernentes ao tratamento da variação linguística em sala de aula. Compreendemos que, ao terem uma postura que considera a variação linguística como inerente à língua, as docentes contemplam o passo inicial para uma pedagogia da variação linguística ou reeducação sociolinguística.

Além disso, percebemos que os documentos oficiais da educação, PCN e BNCC, dão orientações relevantes sobre a importância de se trabalhar a língua em sua diversidade, buscando o respeito pelas variações. Porém, são registros que não contemplam a complexidade da temática, reiterando assim a necessidade de um discurso oficial que aborde a variação linguística de maneira consistente, não só com o reconhecimento da sua existência, mas com orientações de práticas que possam levar à concretude da vivência do professor na sala de aula, um material didático que auxilie o trabalho do docente a partir da proposição de atividades com as turmas.

Confirmamos a nossa hipótese inicial de que, assim como os materiais didáticos e documentos que abordam os conteúdos na sala de aula apresentam a temática variação linguística de forma breve e superficial, o trabalho na sala de aula com esse tema é passível dessa mesma abordagem. As docentes, ao falarem sobre a sua postura e sobre o auxílio recebido dos documentos oficiais da educação diante da variação linguística, mencionam a importância desse estudo e afirmam que ensinam diversos saberes linguísticos que abarcam a diversidade da língua, mas não mencionam quais seriam esses saberes e não aprofundam o assunto, apenas comentam sobre a relevância e afirmam que realizam esse trabalho.

Dessa forma, ao mapear como se dá o tratamento da variação linguística pelas docentes a partir das entrevistas, podemos afirmar que elas manifestam preocupação com a temática e têm uma postura que se caracteriza como o primeiro passo em direção a uma pedagogia da variação linguística. Segundo as respostas dadas, as docentes, ao terem essa postura, despertam maravilhamento e curiosidade nos discentes, que acabam se interessando pela temática, principalmente, pela diversidade de saberes e falares de diferentes regiões.

Em suma, acreditamos que esse trabalho pode contribuir com a pesquisa sobre a abordagem da variação linguística na sala de aula de Língua Portuguesa nos âmbitos local,

regional e nacional, ao apresentar os dados referentes ao município de Flores – PE. Esperamos que ele venha a suscitar o interesse pela realização de futuras pesquisas na temática, seja através da ampliação do escopo desse estudo, seja através do diálogo com os resultados de pesquisas correlatas que foram ou que venham a ser empreendidas.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola, 2007.
- BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular: Ensino Médio*. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.
- BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclo do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio – linguagens, códigos e suas tecnologias*. Brasília, 2000.
- CÂNDIDO, Rita; GENTILINI, João. Base Curricular Nacional: reflexões sobre autonomia escolar e o Projeto Político-Pedagógico. *RBPAE* - v. 33, n. 2, 2017. p. 323 – 336.
- FARACO, Carlos. Bases para uma Pedagogia da variação linguística. In: Associação Brasileira de Linguística, 2020. *Abralín ao Vivo – Linguists*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3kS-RHie0Zw&feature=youtu.be>>. Acesso em: 14 de jun. 2020.
- SGARBI, Nara; RONCÁLIA, Franciane. SOCIOLINGÜÍSTICA EDUCACIONAL: TEORIA E PRÁTICA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA. *Interletras* (Dourados), v. 02, p. 10, 2009.
- ZILLES, Ana; FARACO, Carlos. *PEDAGOGIA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: língua, diversidade e ensino*. São Paulo: Parábola, 2015.

ANEXOS**Questionário:**

1. O que você entende por variação linguística?
2. Você trabalha a temática “variação linguística” na sala de aula? Caso sim, como é a recepção dos alunos para esse tema?
3. Os documentos que norteiam o seu trabalho, como os Parâmetros Curriculares Nacionais e a Base Nacional Comum Curricular auxiliam com o trabalho sobre a variação linguística na sala de aula? Caso sim, de que maneira?
4. Na sua opinião, qual o papel do professor diante da diversidade linguística do aluno?
5. Qual a sua ideia acerca dos usos não-padrão (informais) da língua?
6. Qual a sua abordagem à ocorrência de variação linguística na fala dos seus alunos?
7. O que você entende por preconceito linguístico?
8. Qual a sua atitude perante a demonstração de preconceito linguístico por parte dos seus alunos?